

MÍDIA E RECEPÇÃO
TRABALHO FINAL

Quem são os ativistas?
Estudo preliminar sobre
o perfil do ativista brasileiro

Érico Gonçalves de Assis

Trabalho de avaliação final da disciplina de Mídia e Recepção, ministrada pela professora Dra. Denise Cogo no segundo semestre de 2004.

Orientado pelo professor Dr. Fabrício Silveira.

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação / Universidade do Vale do Rio dos Sinos / São Leopoldo-RS

Apresentado em novembro de 2004.

Quem são os ativistas?

Estudo preliminar sobre o perfil do ativista brasileiro

Érico Gonçalves de Assis

Trabalho de avaliação final da disciplina de Mídia e Recepção, ministrada pela professora Dra. Denise Cogo no segundo semestre de 2004.

Orientado pelo professor Dr. Fabrício Silveira.

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação / Universidade do Vale do Rio dos Sinos / São Leopoldo-RS

Apresentado em novembro de 2004.

O que é ativismo?

O Dicionário de Política de Norberto Bobbio (BOBBIO et alii, 1992), respeitada obra de referência da Ciência Política, não traz os verbetes “ativista” ou “ativismo”. Segundo a etimologia apresentada no Dicionário Houaiss (verbetes “ativismo”), os termos têm origem no francês *activisme*, que por sua vez surgiu na filosofia e na política no início do século XX.

Continuando com Houaiss, na concepção filosófica, o ativismo é

qualquer doutrina ou argumentação que privilegie a prática efetiva de transformação da realidade em detrimento da atividade exclusivamente especulativa, freq. subordinando sua concepção de verdade e de valor ao sucesso ou pelo menos à possibilidade de êxito na ação.

Há duas acepções na área da política: “propaganda a serviço de uma doutrina ideológica, partidária, sindical etc.” e “trabalho desenvolvido esp. em meios revolucionários, políticos, estudantis, sindicais etc.; militância”.

Parte da bibliografia teórica consultada sobre o tema não utiliza os termos “ativismo” ou “ativista” (DOWNING, 2002; GOHN, 1997 e 2003; HOLLOWAY, 2003; MATTELART, 2002; PERUZZO, 1999; ZANETTI, 2001). Eles aparecem, contudo, em trabalhos mais recentes (ANTOUN, 2001a, 2001b, 2004; DUDUS, 2003;

PIMENTA, 2004; PIMENTA e FRANCO, 2004; PIMENTA e SOARES, 2004). Apesar da utilização, os termos não são definidos nem fazem referência a definições prévias.

Neste trabalho pretendo traçar um perfil bastante preliminar do que seria um ativista. Particularmente, um perfil do ativista brasileiro. Para isso, opto por não utilizar qualquer pré-definição do que viria a ser “ativista” ou “ativismo”, entendendo-os apenas como vagas noções ligadas à oposição de ideais e à ação direta voltada para transformar realidades sociais, políticas, ambientais e outras. O ativista, na minha concepção, fica no meio termo entre o “militante” e o “revolucionário”: não apenas defende uma idéia, como o primeiro, mas também não defende transformações radicais em nível macro, como o segundo, preferindo pequenas ações voltadas para desafiar mentalidades e práticas.

Através do contato com alguns possíveis ativistas, busquei identifica-los em diferentes áreas: grau de escolaridade, histórico de participação política, participação em grupos, ações que realiza, voluntarismo, produção midiática e outras. A idéia era abarcar dados diversos que ajudassem a delinear um perfil geral dos entrevistados.

Em um segundo eixo da pesquisa, aprofundou-se a questão da produção midiática praticada por estes indivíduos.

É interessante expor que o trabalho de Zanetti (2001) foi uma grande referência e inspiração para o presente trabalho, em especial como fonte de idéias para a construção do questionário, mesmo que sua relação com minha pesquisa não seja direta. Zanetti analisou a atitude revolucionária na juventude brasileira a partir de uma pesquisa com 2.082 jovens em 21 cidades. Aplicada em 1999, a pesquisa apontou a existência positiva de um potencial revolucionário na juventude nacional a partir de dados quanto a atitudes, conhecimentos, participação na política institucional e o cruzamento com dados sócio-econômicos.

Recepção e Produção

Sendo este um trabalho proposto para a disciplina de Mídia e Recepção, proponho uma rápida discussão sobre por que ele se encaixaria nos estudos de Recepção e a característica particular dos indivíduos entrevistados, ao mesmo tempo receptores e produtores.

Em um primeiro sentido, os entrevistados são receptores de um movimento global de resistência a certos aspectos da globalização econômica, bastante identificado

com manifestações de rua como a de Seattle, em 1999, e marcado por uma organização voltada para o midiático: de um lado, estratégias de espetacularização, de outro, produção de suas próprias mídias.

A grande expressão desta organização midiática do novo movimento está no Centro de Mídia Independente (CMI), ou Indymedia, uma rede mundial de websites que servem como jornais de publicação aberta, voltados para cobrir todos os dados referentes aos focos de resistência em várias partes do mundo. Os websites¹ trazem sistemas que permitem a redação e publicação de notícias, bem como fotos e vídeos, por parte de qualquer interessado; o fluxo é controlado por coletivos voluntários (há em torno de 150 coletivos, divididos por países ou cidades específicas) que julgam o que é e o que não é pertinente para seu website a partir dos princípios gerais do CMI.

Aqui já se estabelece a interessante relação entre produção e recepção nestes movimentos. Redes como o CMI transmitem informações sobre este movimento de resistência mas, ao mesmo tempo, incitam seus leitores a participar do próprio movimento sendo parte da própria mídia. Há uma dupla relação de pertença – ser leitor e ser redator – ou, ainda, uma redefinição da relação de pertença: o verdadeiro receptor, ou o receptor completo do CMI é aquele que propriamente participa do CMI.

O segundo sentido desta tênue diferença entre produtores e receptores é o que apresento aqui como hipótese. O mote ou slogan do CMI, e que é aplicável a outras iniciativas midiáticas deste novo movimento, é “Não odeie a mídia. Torne-se a mídia”. A referência clara é à mídia hegemônica, julgada negativamente por suas coberturas incompletas ou denegridoras do movimento ou dos assuntos que o movimento discute. Incita-se a criação de uma nova mídia, alternativa à existente.

Porém, pode-se depreender deste mote uma outra idéia: a de que a mídia alternativa que ele propõe exista apenas em função da mídia hegemônica, ou que seja pautada por esta. A mídia alternativa, desta forma, corrigiria ou ampliaria a cobertura da mídia hegemônica concernente a determinados fatos jornalísticos.

Este trabalho não pretende analisar esta hipótese de forma completa, mas sim apenas verificar se ela adequa-se às motivações dos ativistas entrevistados. Fica, porém, a sugestão de um maior aprofundamento deste problema de pesquisa.

¹ No Brasil: <http://www.midiaindependente.org/>

Metodologia

O presente trabalho tem relação com meu projeto de dissertação, cujo tema está em torno das estratégias de comunicação de alguns movimentos ligados à resistência global. A partir de considerações da professora Denise Cogo, titular da disciplina de Mídia e Recepção, a respeito de um trabalho específico para a cadeira, optei por uma pesquisa que buscasse traçar o perfil dos participantes do movimento, os ativistas. Questões de metodologia e análise foram posteriormente aprimoradas com o professor orientador Fabrício Silveira.

Estabeleci contato com os entrevistados a partir de listas de discussão na Internet como [baderna]², [play_list]³, [midiatatica]⁴ e [centrodemidia]⁵. Os contatos foram feitos por e-mail diretamente com membros das listas, e não através das próprias listas. Também tentei contatos com membros do Centro de Mídia Independente em Porto Alegre e Caxias do Sul a partir da seção de Contato em <http://www.midiaindependente.org/>. Após estas duas fontes, ainda solicitei aos indivíduos que retornaram minhas mensagens o contato com outros possíveis ativistas.

Por diversas dificuldades, o total de entrevistados foi de 4. Entre estas dificuldades estavam: pessoas que não responderam ao primeiro contato, falta de tempo alegada pelos que responderam, pessoas que receberam os questionários e não entraram em contato novamente e a distância física entre pesquisador e entrevistados.

Devido às mesmas, optei por aplicar a pesquisa através de um questionário enviado por e-mail. O questionário só era enviado após um primeiro contato de exposição dos motivos da pesquisa e de convite à participação. Após as respostas ao questionário, em dois casos, enviei novas perguntas com bases nas respostas apresentadas.

O e-mail questionário

A parte de questionário dos e-mails pode ser vista, exatamente da forma como foi enviada, no anexo 1. Parto agora para considerações específicas sobre cada um de seus elementos.

² baderna@lists.riseup.net

³ play_list@yahoo grupos.com.br

⁴ midiatatica@yahoo grupos.com.br

⁵ centrodemidia@lists.riseup.net

O questionário era precedido por algumas considerações. Julguei interessante colocar como sugestão que o entrevistado não lesse todas as perguntas antes de respondê-las, e sim que as respondesse na medida em que as lia. Propus que todas as perguntas e termos estavam abertos para interpretação pessoal e fiz referência específica, como exemplo, ao termo “ativismo” – voltando à discussão inicial deste trabalho, sobre a falta de definição precisa do termo –; em caso de persistência da dúvida quanto a alguma questão, era recomendado o contato comigo.

Com vistas à proteção das identidades dos entrevistados, quando necessário – por seu envolvimento em ações possivelmente ilegais ou outros motivos –, deixei a cargo de cada indivíduo julgar se seus dados pessoais (idade, cidade de residência, ações em que se envolveu etc.) poderiam ou não ser revelados. Apontei, então, que os dados relevantes para a pesquisa seriam apresentados sem vinculação com qualquer nome real. Se ainda assim o entrevistado não quisesse responder alguma pergunta, apontei, poderia deixá-la em branco.

A última consideração apenas propunha um prazo para entrega das respostas, geralmente de 5 dias, e apontava a possibilidade de novas perguntas após o questionário respondido, se eu considerasse necessário.

O questionário, em 17 questões, visava abarcar uma grande quantidade de dados sobre a pessoa e sua relação com o ativismo. A intenção era tentar por vários meios angariar dados sobre as práticas e crenças, a formação, os ideais e as opiniões sobre o que cada indivíduo faz enquanto ativista e como trabalha.

As questões 1 e 2 buscavam dados gerais sobre o indivíduo: “1. *Qual é seu nome completo? Nacionalidade? Estado civil? Em que cidade você nasceu e onde reside atualmente? Qual é sua idade?*”; “2. *Qual é seu grau de escolaridade? Caso já tenha passado por ou esteja em um ou mais cursos universitários, poderia citá-los?*”.

As questões seguintes já partem diretamente para o ativismo, buscando determinar a pertinência do entrevistado escolhido para a pesquisa: “3. *Que atividades você pratica (com alguma frequência) que qualificaria como ativismo? Em que ações específicas, com a mesma qualificação, você já tomou parte?*”; “4. *Você participa de algum grupo/equipe/coletivo que realiza ações de ativismo? Mais de um? Qual o nome do grupo ou dos grupos que você participa? Se não participa mais, em qual ou quais já participou?*”

A questão 5 faz referência específica à ligação do entrevistado com a política institucional: *“Você tem participação ativa em algum partido político? Já teve? Qual (ou quais)?”*

A questão 6 busca descobrir se há participação do indivíduo em outras manifestações já estabelecidas da sociedade civil, como organizações não-governamentais: *“Você participa ou já participou de organizações não-governamentais, associações estudantis e outras formas de organização política civis? Quais?”*. Em certo sentido, organizações como o Centro de Mídia Independente e outras não deixam de ser ONGs ou formas de organização política civis. A pergunta foi incluída, porém, porque as organizações ativistas não costumam receber a denominação de organização civil ou ONG.

A sétima questão busca uma história de vida do entrevistado relativa ao engajamento político. Ela é composta de várias perguntas, de forma a alcançar diferentes memórias do indivíduo e a propor diferentes acepções de engajamento: *“Qual é sua história de engajamento? Você teve alguma influência em casa, de pais ou outros membros da família? Participou de ações ou de algum grupo durante a adolescência? Caso tenha cursado ou esteja cursando a universidade, teve (ou está tendo) alguma atuação política durante este período?”*

A oitava questão trata do trabalho voluntário: *“Seu trabalho é voluntário? Em caso positivo, como você lida com a divisão entre ser voluntário e outras atividades, como trabalho pagante e/ou estudo?”*

As questões seguintes entram diretamente no trabalho dos entrevistados com produção midiática: *“9. Você tem participação em algum tipo de produção midiática (programa de rádio, website, produção de vídeos, produção gráfica etc.)? Qual ou quais?”*.

As questões seguintes, da 10 à 13, eram precedidas por uma frase entre colchetes: *“Caso você responda sim à pergunta 9:”*. São questões de: linha editorial, processo e rotinas de produção, comparação com a mídia hegemônica e aplicação da hipótese já apresentada quanto à pauta da mídia alternativa existir em função da pauta da mídia hegemônica: *“10. Que linha editorial você adota? O que você busca mostrar? Quais são as preocupações que o levam a participar em tal produção?”*; *“11. Descreva como é esta produção. Com quantas outras pessoas você trabalha? Como é o processo de criação? Que tecnologias são utilizadas?”*; *“12. No que sua produção midiática difere da de outras mídias grandes ou hegemônicas?”*; *“13. Você se considera pautado*

pelo que NÃO aparece na mídia? Estou trabalhando com a hipótese de que a produção midiática ativista tem como impulso único ou predominante ser uma resposta à mídia hegemônica. Ou seja, que os ativistas mostram o que a mídia não mostra, justamente porque ela não mostra, ou buscam corrigir os fatos apresentados por ela. O que você acha disso?”.

As questões 14 e 15 perscrutam os objetivos do ativista, inserido no grupo e individualmente. Novamente, busca-se várias perguntas para incitar uma resposta mais elaborada: “14. *Qual você considera ser o objetivo do grupo onde atua? Qual é seu objetivo pessoal? Há diferença (mesmo que mínima) entre eles?”*; “15. *Você acha que estes objetivos estão sendo alcançados (tanto o seu quanto o do grupo)? Como?”*

As duas questões finais apenas buscam conhecimento de importância para novos contatos dentro da pesquisa (e para a dissertação), além de sugerir uma nova possibilidade de expressão caso o entrevistado considere o questionário incompleto: “16. *Que outros grupos ativistas importantes você citaria, tanto no Brasil quanto no resto do mundo? Não se preocupe em fazer uma lista exaustiva, busque colocar apenas os primeiros que lembrar”*; “17. *Há algum outro comentário que você queira fazer e que considere interessante para esta pesquisa?”*

Os entrevistados

Os quatro participantes da entrevista foram os seguintes:

- R2 (o participante pediu que seu nome não fosse revelado), 25 anos, solteiro, nascido e residente em Caxias do Sul (RS); estudante de Administração (atualmente com matrícula trancada); participante do coletivo Centro de Mídia Independente – Caxias.

- Tatiana Wells, 30 anos, casada, nascida e residente no Rio de Janeiro (RJ); bacharel em Jornalismo e mestre em hipermídia pela Universidade de Westminster; participante dos grupos Mídia Tática (www.midiatatica.org) e ContraTV (www.contratv.net).

- Paula Cassandra, 22 anos, solteira, nascida e residente em Caxias do Sul (RS); estudante de Jornalismo; participante do coletivo Centro de Mídia Independente – Caxias.

- Ricardo Rosas, 36 anos, solteiro, nascido em Fortaleza (CE), residente em São Paulo (SP); ex-estudante (jubilado) dos cursos de Letras e Publicidade; participante do grupo Mídia Tática e editor do e-zine Rizoma (www.rizoma.net).

Respostas e Análise

Analisando a seguir as respostas mais relevantes advindas das entrevistas, agrupadas por tópicos.

a) Definição de ativismo

Dois participantes, R2 e Ricardo Rosas, propuseram discutir o que viria a ser ativismo, questionando se suas próprias práticas encaixariam-se numa definição de ativismo.

Atualmente sou voluntário do CMI-Caxias, agora se dá para considerar ativismo, depende de que ponto está se analisando o ativismo. Somos ativistas do CMI, como pessoas que trabalham para a construção de uma comunicação do povo para o povo, somos ativistas por estarmos ativos perante o político/social. Mas não nos enquadrados em ativistas de ação direta, pois acreditamos que o CMI não faz manifestação, mas sim cobre a manifestação. [R2]

Acredito que o tipo de ativismo que realizo esteja mais vinculado ao mídiativismo, pela produção de um site de notícias independente (www.rizoma.net), e na organização de festivais de mídia tática, como o Mídia Tática Brasil e Digitofagia (ambos em www.midiatatica.org). [Ricardo Rosas]

As outras duas participantes, Tatiana Wells e Paula Cassandra, consideraram que suas ações – que identificaram como sendo a participação no CMI, a organização de festivais, projetos de crítica e pedagogia da mídia, participação em movimentos sociais – são ativismo.

b) Política institucional

Todos participantes apresentaram visões totalmente avessas ao sistema partidário e à política institucional em geral.

Não, nunca tive e nem quero ter [participação em partidos políticos]. Não acredito na organização da sociedade através de governos centralizadores das decisões que competem ao povo. [R2]

No momento descreio totalmente de partidos políticos. [Ricardo Rosas]

Uma das participantes aprofundou-se na resposta, propondo que a política institucional, após sérias transformações, seria um caminho para atingir os objetivos pelos quais luta.

A verdade é que sou até a favor de uma democracia inclusiva, ou seja, só mudaremos por dentro. Acredito mesmo nisso. mas acho que o nosso sistema político está tão enferrujado, e corrupto e cínico (só o nosso?), que só o faria através de um partido próprio, o que demandaria mais tempo e convencimento e mobilização do que uma campanha de voto nulo. No Rio tivemos mais votos nulos do que o segundo colocado, 20% e pouco... com 50% paramos as eleições. No próximo ano pretendemos reforçar isso, até que comece a se discutir o modelo de representatividade atual, que é inexistente... Acredito que esse talvez seja um caminho mais condizente com a nossa urgência, mas é só a minha opinião... [Tatiana Wells]

c) *Sociedade civil organizada x Ativismo*

Houve desacordo entre os entrevistados quanto à inclusão de seus grupos na classificação de organizações da sociedade civil ou organizações não-governamentais. Dois deles colocaram que, sim, as organizações das quais participam são ONGs ou organizações civis, mesmo que um deles levante a questão formal da diferença de institucionalidade.

Todas as organizações que citei anteriormente eram não-governamentais (...). O que você entende por organização política civil? Ao meu ver os grupos citados acima, também são organizações políticas, pois vivemos em política, todos fizemos parte de uma política, o que precisamos é diferenciar a política da politicagem. [R2]

O meu grupo é um grupo da sociedade civil organizada mas não temos nenhuma institucionalidade, não faz parte de nossos planos. [Tatiana Wells]

A pergunta questionava se o entrevistado já tinha participado ou participava de organizações não-governamentais ou da sociedade civil. Como todos se consideravam ativistas, responder sim ou não a esta pergunta pressupunha uma diferenciação, por parte do entrevistado, entre seu grupo e uma ONG. Foi o que aconteceu nos dois casos restantes.

Particpei no ano de 2002 da ONG Caxiense Gloss (Grupo de Livre Orientação Sexual). [Paula Cassandra]

Não. [Ricardo Rosas]

d) Histórico de engajamento / Influências

Todos colocaram que não houve qualquer influência familiar na sua opção pelo ativismo. As influências citadas são amigos, leituras e religião. Apenas um teve participação em organizações estudantis.

Na minha família não tenho nenhum exemplo de pessoas engajadas. Minha família acredita que devem delegar o poder de decisão para um político que saiba falar bem e se apresentar bem na televisão. Meu engajamento na luta por uma vida mais justa foi através dos ensinamentos de Jesus Cristo, transmitidos pela minha mãe, e futuramente a identificação com o anarquismo e com coletivos que o anunciavam como uma organização de sociedade mais igualitária e justa para todos, menos para a classe dominante, que vive no privilégio. Durante a adolescência, escutava músicas hardcore, punk-rock, tocava numa banda de hardcore desde os 13, e pela participação dos coletivos citados acima. Enquanto universitário, só participei um ano do DCE, mas a organização dos grêmios, DCEs, é um exemplo micro da organização injusta de nossas cidades, estados e por aí vai. [R2]

Nunca tive nenhuma atuação política que considero altamente engajada, além de passeatas e protestos, muito menos durante a escola e a faculdade. mas também nunca cedi à tentação da vida que no meu círculo de amigos era considerada normal: emprego, casa, marido... Assim que terminei meus estudos fui para a Inglaterra onde morei 4 anos. Só em minha volta, ao morar em São Paulo e quando comecei a frequentar listas de discussão nacionais (em 2002) comecei a observar que existia vida pensante por perto. [Tatiana Wells]

Quando decidi participar da ONG e do CMI, foi devido ao contato com amigos que me mostraram essas possibilidades de ativismo. Dentro da família e da vida acadêmica nunca recebi incentivos para tal atividade. [Paula Cassandra]

Nenhuma influência dos pais, algumas leituras marxistas e “rebeldes” na adolescência, mas nenhuma atuação política universitária. [Ricardo Rosas]

d) Voluntariado

Todos os entrevistados dividem seu tempo entre trabalho e sua ação como voluntários nos grupos. Em um caso, a entrevistada é universitária, trabalha e voluntaria-se. Em outro caso específico, a entrevistada diz que seu grupo tem algum apoio financeiro de instituições.

Todos demonstram, de alguma forma, sentir dificuldades em levar atividades paralelas, por falta de tempo.

Eu trabalho como autônomo, conserto computadores, e ao mesmo tempo trabalho como voluntário para o CMI. Já se eu tivesse um emprego com horário fixo, trabalharia voluntariamente à noite e sempre nos finais de semana. Sábado é o dia da função, sempre foi, e domingo dia de reunião. [R2]

Para o *midiatatica.org* trabalhamos voluntariamente por 2 anos. Recebemos por trabalhos específicos como grupo, assim como oficinas e bolsas de estudo. Nunca recebemos nada por nenhum festival realizado. No meu pouco tempo livre faço traduções e sites. Mas tem ficado cada dia mais difícil... [*Tatiana Wells*]

Estudo e trabalho. Nas frestas que existem entre uma coisa e outra, participo do CMI. [*Paula Cassandra*]

Um dos entrevistados propõe uma questão interessante: a discussão que deve ser levantada quando o ativista não é voluntário, mas sim um profissional assalariado, como em alguns grupos norte-americanos e europeus.

A divisão algumas vezes é conflituosa, algumas vezes no trabalho (que nada tem a ver com essa atuação). Mas no geral levo a questão numa boa, acho que é bem menos conflituoso que no caso de “ativistas profissionais”, como na Europa e EUA, onde a contrapartida de um salário e um direcionamento exclusivo à questão à vezes pode trazer à tona certas idiossincrasias próprias da vida burguesa. [*Ricardo Rosas*]

e) Produção Midiática: novas e velhas tecnologias

Enquanto a integração total e pragmática das novas tecnologias seja uma característica quase óbvia destes novos movimentos, percebe-se também a grande utilização de mídias tradicionais como o rádio e impressos (cartazes, folhetos, revistas). Isto, claro, é resultado também de novas tecnologias – os computadores pessoais mais potentes da última década, que permitem produção gráfica caseira; o barateamento dos custos de criação e transmissão de uma rádio – mas demonstra a preocupação dos ativistas em não se ater apenas, por exemplo, à Internet, e sim trabalhar propostas multimídia.

O CMI Caxias ministra oficina de repórter popular, rádio, web-rádio, cartazes, zines, só em vídeo que estamos capenga. Mas nada nos impede de fazer, é só pegar os programinhas de computador, dar uma estudada no manual e fazer. [*R2*]

Faço com a Contratv um programa semanal de rádio interferência aqui na URRJ, o site do Contratv e do *Midiatatica*, estamos nos programando para fazer um documentário sobre os festivais que realizamos (...) e pelo menos a cada festival produzimos uma publicação. Sempre trabalhando com software livre. [*Tatiana Wells*]

Devido ao CMI, geralmente participo da confecção do CMI na rua (jornal de parede/poste) e do CMI na mão (zine). Filmo também algumas de nossas atividades e as edito, mas de forma caseira. [*Paula Cassandra*]

e) Produção Midiática: valores

Todos entrevistados defendem a opção por uma linha editorial livre e diferenciada da mídia tradicional. A oposição proposta é de que a mídia alternativa seria a mídia representante da “classe oprimida” e das “possibilidades transgressoras”.

A preocupação em participar é a necessidade de existir esta mídia que defenda a classe oprimida, pois é com a mídia que você consegue levar às pessoas a informação, e que você consegue convencer alguém que o Nazismo, Ditadura, Capitalismo, Racismo, preconceito e outras características podres do ser humano, são coisas que só atrasam a evolução do ser e que cada vez mais estamos aumentando a desigualdade social, econômica, deixando o poder, a grana, as decisões nas mãos de poucas pessoas. [R2]

Linha editorial livre! (...) Movimentos sociais e gênero. Horizontalidade na produção de mídia para visibilidade e fortalecimento desses grupos. [Tatiana Wells]

Uma linha basicamente “libertária”, mais anarquista que comunista no sentido lato da palavra. (...) Nossa postura geral é adotar todas as possibilidades transgressoras, politicamente progressistas das áreas abordadas. (...) As preocupações são acima de tudo trazer uma conscientização social e política em todas as áreas possíveis, não importa quão utópico isso possa parecer, furar a alucinação consensual coletiva da mídia em geral, combater o gerenciamento de percepção que nos é imposto e produzir novos memes e espalhá-los, como se fossem vírus. [Ricardo Rosas]

e) Produção Midiática: novos modos do fazer jornalístico

Junto ao tópico anterior, percebe-se entre as respostas novas propostas do que deve ser o agir jornalístico. Isso se dá por diferentes vertentes: defesa de novas preocupações do jornalismo, a opção por novas formas de redação e a crítica das posturas anti-éticas dos jornalistas atuais. A mídia ativista, portanto, propõe-se não apenas como outra alternativa de mídia, mas como uma mídia fundamentalmente diferenciada, transformada já em seus princípios.

Busco mostrar a realidade mais próxima dela mesma, sem nenhuma deturpação (...) Como toda a mídia, tenho lado. Como atualmente trabalho com a mídia independente, trabalho para o povo e com o povo. (...) Tratamos de assuntos que não aparecem na grande mídia, ou muitas até aparecem, mas com uma conotação deturpada, só para fuder com a organização do povo. Tentamos dar voz a quem não tem voz... [R2]

Às vezes sou até criticada por meus relatórios mais do que pessoais mas é o modo como escrevo, que é subjetivo e leve como um e-mail. Acho que nunca poderia ser uma jornalista... Em meus textos busco sempre dar um segundo ponto de vista nas entrelinhas pois é assim que a nova escrita é, reflexiva e solta... E escrevo livre pois ao meu ver a profissionalidade não dá conta do mundo em que vivemos... [Tatiana Wells]

Faço jornalismo e, por participar da vida acadêmica, vejo como os estudantes em sua grande maioria acomodam-se perante a nossa mídia, onde é possível ver jornalistas ou pessoas que trabalham com o jornalismo atuando de forma anti-ética, corporativista, individualista e precária. O CMI é um meio de comunicação que procura ser diferente no sentido de não ter esses vícios. [Paula Cassandra]

[A diferença para com os meios hegemônicos está] em tentar dar outra visão do que os meios hegemônicos dão. Tentando mostrar que nossa juventude não é alienada nem apenas consumista (um clichê tão passado como o do “Fim da História”). Nesse sentido, a intenção do Rizoma é prover um outro lado, seja dos movimentos sociais e ativistas, seja da cultura em si. [Ricardo Rosas]

e) Produção Midiática: colaboração

O CMI-Caxias reúne 4 pessoas; o Mídia Tática tem 5 participantes. É fundamental no ativismo contemporâneo a busca por novas formas de organização horizontal, não-hierárquica, e que busca privilegiar as habilidades de cada participante na atuação conjunta. As respostas mostram como funcionam essas tentativas de organização.

É importante notar, em dois casos, como é ressaltado que a nova tecnologia colabora para estas novas formas de organização.

Estamos no momento trabalhando ativamente em 4 pessoas. (...) A produção é dividida em tarefas, todos fazem tudo, mas vamos fazendo o rodízio de funções, tipo hoje tem pessoas que cobrem, e escrevem, outras diagramam em Corel, depois tiramos xerox e vamos colar nas ruas e murais de centro comunitário dos bairros. [R2]

Somos 5 em nosso grupo. A criação é sempre coletiva, quando não presencial via lista de discussão, wakka e encontros em IRC. [Tatiana Wells]

Produzimos CMI na rua, CMI na mão, vídeo-debate, oficinas de repórter popular e de radiojornalismo. Nossas atividades são ilimitadas, porque sempre estamos fazendo novas ações, seja através da parceria com outros grupos ou da troca de idéia com outras pessoas. [Paula Cassandra]

Acredito que haja por trás disso a criação de uma comunidade, graças a todos esses mecanismos de publicação aberta, que guardam estreita semelhança com os desenvolvedores de software livre, que é a colaboração, o compartilhamento de valores. (...) Num contexto mais geral, de mídia tática, ou de ativismo em outras áreas, ecológico, pró-inclusão digital, cyberativismo, grassroots, open source etc., creio que a lógica colaborativa é fundamental, talvez crucial para o seu futuro. [Ricardo Rosas]

e) Produção Midiática: autonomia

Dois entrevistados ressaltaram o aspecto da mídia ativista como potencializadora de novas formas de produção midiática autônoma que partem do povo. É parte de

projetos tanto do CMI quanto do Mídia Tática a capacitação técnica e teórica de diversos indivíduos para realizar sua própria produção midiática.

Isto insere-se mais uma vez na discussão de novas formas do fazer jornalístico.

Quando você escuta rádio ou vê tv normalmente não pode responder, ou escolher o que quer ouvir. A mídia que acredito ser potencializadora é a mídia que eu mesma faço, por isso ensinamos a se apropriar dos meios de comunicação disponíveis para se expressar. Não somos mais público, somos produtores. Qualquer um pode ter o seu canal de tv, de rádio. Se tiver acesso a um computador, há programas gratuitos de edição de vídeo, áudio, sites. Todos nós somos uma rede integrada de mídia em potencial. A diferença maior, acho, é essa, a mídia como capacidade expressiva e dessa subjetividade que nasce livre é feito o real poder da comunicação. Não preciso saber pela tv o que se passa nas ruas. Estou nas ruas conversando... [Tatiana Wells]

Tentamos dizer para as pessoas que elas mesmas podem ser os repórteres, incentivamos isso. Aí muda o papel de uma mídia alternativa ir cobrir um fato, e sim a pessoa que está vivendo aquele fato. [R2]

f) Produção Midiática: contra-recepção da mídia hegemônica

Em resposta à pergunta 13, sobre a hipótese de que a produção midiática ativista tem como impulso único ou predominante ser uma resposta à mídia hegemônica, dois entrevistados apenas concordaram, enquanto as outras duas propuseram discussões mais aprofundadas.

Acho que existe a mídia independente, essa sim parecida com o que você descreve, como o CMI, muitas vezes reativo demais e sem propor outros campos de atuação que não o confrontacional. Acho esse tipo de mídia importante pois é muitas vezes o exemplo que choca o que funciona primeiro. Mas há, também por exemplo, a mídia tática, que é a linha que trabalhamos, que muitas vezes funciona dentro do sistema (saíndo em jornal, ocupando o Museu da Imagem e do Som do Estado de SP) mas com ironia e humor, o criticando por dentro. [Tatiana Wells]

Sim, a mídia independente não apenas informa sobre o que a mídia corporativa oculta, como também mostra o outro lado, principalmente no que diz respeito aos movimentos sociais, que geralmente são taxados de baderneiros. O CMI, enquanto mídia independente, informa o porque das manifestações, quais as reivindicações dos grupos oprimidos. [Paula Cassandra]

g) Objetivos

Os objetivos são expostos de maneira diversa, mas apontam juntos para a necessidade de transformações sociais profundas. Mesmo que a pergunta não fizesse referência direta à produção midiática, a entrevista já estava dominada por este viés, portanto muitas respostas destacam em seus objetivos a necessidade de transformações no sistema midiático.

Todos, é claro, expõe que “ainda há muito a ser feito”. Há uma sensação de que os entrevistados reconhecem seus trabalhos como experimentos, não como propostas já fechadas de como transformar o mundo ou atingir os objetivos almejados.

Objetivo maior é criar ou incentivar a comunicação e a identificação entre os movimentos sociais e todas as organizações que lutam por uma vida mais justa e igualitária. Isto é, criar a identificação da Classe Oprimida. (...) Precisamos ter a mídia do povo, pois a mídia da burguesia está cheio (sic). Precisamos de muito mais voluntários que abracem a causa, pois tem muito trabalho e poucas pernas. [R2]

O objetivo do meu grupo é fomentar práticas de mídia, o meu é alinhar-me com os movimentos sociais (MST, gênero etc). A diferença está na radicalização do produtor de mídia, que ao meu ver deve ser os que foram historicamente oprimidos. [Tatiana Wells]

Meu objetivo vem ao encontro dos objetivos do CMI, por isso faço parte. (...) Algo está sendo feito, mudado, mas ainda existe muito a ser feito. [Paula Cassandra]

O do grupo (mídiatatica.org) creio que seja prover mais laboratórios de ensino de novas mídias a grupos que não têm acesso a elas, e claro, fazer eventos e publicações, bem como intercâmbios que divulguem e propaguem a prática independente de mídia e as ações de mídia tática e consciência em relação à mídia. Meu objetivo pessoal? Um mundo mais justo, mais equalitário, com menos preconceito, menos desigualdades, injustiça, racismo e mais aceitação do outro, das diferenças e da liberdade de expressão. Se isso for uma democracia radical, que seja. [Ricardo Rosas]

Considerações finais

Qual é o perfil do ativista brasileiro? Se pode-se utilizar as entrevistas realizadas para este trabalho como uma boa representação do que é o indivíduo engajado no Brasil, o ativista é:

- *universitário*, tendo passado ou estando em um curso de formação superior;
- *apartidário*, descrente da política institucional e voltado para propor novas maneiras, descentralizadas, de trazer mudanças para o social;
- *sem influência familiar em seu engajamento*, pois a influência vem de fontes como amigos e leituras;
- *preocupado ao mesmo tempo com o social e com o sistema midiático*, não propriamente misturando as duas questões num único problema, mas vendo como parte essencial para transformações no social as transformações nos processos midiáticos existentes;

- *reflexivo quanto a sua própria prática*, buscando permanentemente aperfeiçoar as ações e motivações de seu grupo, tratando esta própria atuação como um laboratório do que viria a ser uma sociedade engajada.

Sobre a produção midiática ativista, levanto as seguintes conclusões:

- *é predominantemente colaborativa e experimental*, buscando ao mesmo tempo novas formas de organização e novas rotinas de produção, pondo em discussão todo o fazer comunicacional e especialmente o agir jornalístico;

- *propõe uma pedagogia da mídia*, voltada não apenas para capacitar receptores quanto à leitura e entendimento das mídias hegemônicas, mas voltada também para capacitar a produção midiática vinda “de baixo” – todos podem e devem ser produtores de mídia⁶;

- *e assume um pragmatismo na utilização de novas tecnologias*, demonstrando grande esforço em encontrar, aprender a utilizar e aproveitar novos softwares e equipamentos tanto voltados para a produção midiática quanto os que permitam diferentes formas de organização.

BIBLIOGRAFIA

ANTOUN, Henrique. “Jornalismo e Ativismo na Hipermídia”, in Revista da FAMECOS no. 16, pp. 135-147. Porto Alegre: EDIPUCRS, dezembro 2001 (a).

ANTOUN, Henrique. “A Multidão e o Futuro da Democracia na Cibercultura”, in FRANÇA, Vera, WEBER, Maria Helena, PAIVA, Raquel e SOVIK, Liv. Livro do XI COMPOS. Porto Alegre: Sulina, 2001 (b).

ANTOUN, Henrique. “O Poder da Comunicação e o Jogo das Parcerias na Cibercultura”. Trabalho apresentado no XII Compós, GT Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade, junho de 2004.

BOBBIO, Norberto et alii. **Dicionário de Política**. Editora da UNB, 1992.

DOWNING, John D.H. **Mídia Radical**. São Paulo: editora Senac, 2002.

⁶ Interessante notar, como já foi discutido em outra ocasião, que esta pedagogia da mídia assemelha-se em vários aspectos à desenvolvida na teoria e na prática na América Latina especialmente nas décadas de 60 e 70. Vide, por exemplo, KAPLUN, 1987. Os ativistas entrevistados não fazem referência a estas experiências – aparentemente, a matriz desta pedagogia que praticam é européia e/ou norte-americana.

DUDUS, Gerson. “Anúnciação: o tempo dos novos anjos”. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/dudus-gerson-anunciacao-tempo-novos-anjos.html> (acesso em 24/11/2004). Publicado em 2003.

GOHN, Maria da Glória (org.). **Movimentos Sociais no Início do Século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 1997.

KALPUN, Mario. **El Comunicador Popular**. Buenos Aires: Lumen-Humanitas, 1987.

HOLLOWAY, John. **Mudar o mundo sem tomar o poder**. São Paulo: Viramundo, 2003.

MATTELART, Armand. **História da Utopia Planetária**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

PERUZZO, Cícilia K. **Comunicação nos Movimentos Populares**. Petrópolis: Vozes, 1999.

PIMENTA, Francisco José Paoliello. “Redes Multicódigos: Possibilidades Semióticas para o Ativismo Global”. Trabalho apresentado no XII Compós, junho de 2004.

PIMENTA, Francisco José Paoliello e FRANCO, Joana Magalhães. “Mumbai 2004, Ativismo Político e Signo Genuíno”. Trabalho apresentado no XXVII INTERCOM, NP 15 – Semiótica da Comunicação, junho de 2004.

PIMENTA, Francisco José Paoliello e SOARES, Letícia Perani. “EuroMayday 2004 e o Ativismo Político na Rede”. Trabalho apresentado no XXVII INTERCOM, NP 12 – Comunicação para a Cidadania, junho de 2004.

ZANETTI, Hermes. **Juventude e Revolução no Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

ANEXO 1

E-mail questionário, com perguntas enviadas aos entrevistados.

Algumas considerações antes das perguntas.

- Sugiro que você responda as perguntas na medida em que as lê. Ou seja, peça que não leia todas perguntas antes de começar a respondê-las.

- As perguntas estão abertas para interpretação. Caso você considere que um conceito, uma palavra ou uma idéia nas perguntas pode ter significados diversos (como “ativismo”), interprete-a a seu modo. Se possível, aponte quando fizer uma interpretação que considerou pessoal. Se mesmo assim houver algum problema de compreensão, favor entrar em contato.

- Se for necessário manter sigilo sobre alguma resposta, especialmente nas perguntas que pedem dados específicos (idade, cidade, ações em que você se envolveu etc.), por favor aponte. Os dados serão, então, apresentados sem ligação direta com seu nome. Compreendo, mesmo assim, se você preferir não responder algumas perguntas.

- Preciso receber as respostas até o dia XX de xxxxxx⁷. Se possível, e se considerar necessário, gostaria de mandar mais algumas perguntas com base em suas respostas.

As perguntas:

1. Qual é seu nome completo? Nacionalidade? Estado civil? Em que cidade você nasceu e onde reside atualmente? Qual é sua idade?

2. Qual é seu grau de escolaridade? Caso já tenha passado por ou esteja em um ou mais cursos universitários, poderia cita-los?

3. Que atividades você pratica (com alguma freqüência) que qualificaria como ativismo? Em que ações específicas, com a mesma qualificação, você já tomou parte?

4. Você participa de algum grupo/equipe/coletivo que realiza ações de ativismo? Mais de um? Qual o nome do grupo ou dos grupos que você participa? Se não participa mais, em qual ou quais já participou?

5. Você tem participação ativa em algum partido político? Já teve? Qual (ou quais)?

6. Você participa ou já participou de organizações não-governamentais, associações estudantis e outras formas de organização política civis? Quais?

⁷ A data variou conforme a data de envio do questionário. O prazo sugerido era de 5 dias.

7. Qual é sua história de engajamento? Você teve alguma influência em casa, de pais ou outros membros da família? Participou de ações ou de algum grupo durante a adolescência? Caso tenha cursado ou esteja cursando a universidade, teve (ou está tendo) alguma atuação política durante este período?
8. Seu trabalho é voluntário? Em caso positivo, como você lida com a divisão entre ser voluntário e outras atividades, como trabalho pagante e/ou estudo?
9. Você tem participação em algum tipo de produção midiática (programa de rádio, website, produção de vídeos, produção gráfica etc.)? Qual ou quais?
10. [Caso você responda “sim” à pergunta 9:] Que linha editorial você adota? O que você busca mostrar? Quais são as preocupações que o levam a participar em tal produção?
11. [Caso você responda “sim” à pergunta 9:] Descreva como é esta produção. Com quantas outras pessoas você trabalha? Como é o processo de criação? Que tecnologias são utilizadas?
12. [Caso você responda “sim” à pergunta 9:] No que sua produção midiática difere da de outras mídias grandes ou hegemônicas?
13. [Caso você responda “sim” à pergunta 9:] Você se considera pautado pelo que NÃO aparece na mídia? Estou trabalhando com a hipótese de que a produção midiática ativista tem como impulso único ou predominante ser uma resposta à mídia hegemônica. Ou seja, que os ativistas mostram o que a mídia não mostra, justamente porque ela não mostra, ou buscam corrigir os fatos apresentados por ela. O que você acha disso?
14. Qual você considera ser o objetivo do grupo onde atua? Qual é seu objetivo pessoal? Há diferença (mesmo que mínima) entre eles?
15. Você acha que estes objetivos estão sendo alcançados (tanto o seu quanto o do grupo)? Como?
16. Que outros grupos ativistas importantes você citaria, tanto no Brasil quanto no resto do mundo? Não se preocupe em fazer uma lista exaustiva, busque colocar apenas os primeiros que lembrar.
17. Há algum outro comentário que você queira fazer e que considere interessante para esta pesquisa?

Você pegou este texto em
<http://www.pontomidia.com.br/erico/rodape/ericoassis - quemsaosativistas.pdf>

Érico Assis
ericoassis@uol.com.br